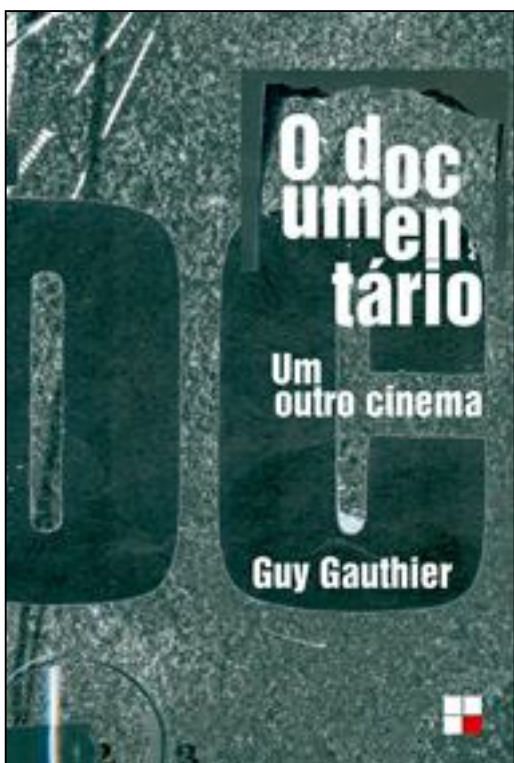


**Sobre Gauthier, Guy. *Documentário: um outro cinema (Le documentaire, un autre cinéma)*. Campinas/SP, Papyrus, 2011, 432 pp., Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro, ISBN 978-85-308-0939-3.**

Por Mauro Luciano do Araújo<sup>1</sup>



Lançado pela conhecida coleção *Campo Imagético*, coordenada pelo Prof. Dr. Fernão Pessoa Ramos (Programa de Pós-Graduação em Multimeios – Unicamp), o livro de Guy Gauthier, *O Documentário: um outro cinema* (Campinas/SP, Papyrus, 2011) cita os enigmas e uma outra história deste gênero cinematográfico da expressão do real. Chamado hoje de *cinema do real*, o documentário, inclusive, ultrapassa questões de uma recepção, campo que em determinada relação constitui o gênero. Ele tem uma história própria, com

ênfases e ocasiões de seu setor. Gauthier prefere então criar uma narrativa própria da emulação ficcional que o documentário sempre se permitiu, e elabora seu livro como um destes filmes da realidade – comentando sua história.

Ao tratar da história real, inevitavelmente o cinema flerta o documentário. Também, contar histórias de ficção seria um dos princípios motores da atividade cinematográfica. Um dos grandes trunfos das teorias do

<sup>1</sup> Mauro Luciano de Araújo é Mestre em Imagem e Som pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos/SP, e professor de audiovisual no Centro Universitário Jorge Amado (Salvador/BA).

---

documentário atual, que podemos destacar neste livro em questão, está em reafirmar a crueza do documentário que existe na ficção, e a natureza da ficção que existe no documentário.<sup>2</sup> Gauthier, na história verdadeira do cinema documentário, põe a evolução dos debates e as falas dos grandes nomes deste tipo de cinema como material bruto do seu *livro do real*. Tal material está para o cineasta documentarista como o documento está para o pesquisador. Neste caso, a compreensão do que foi, o que é e qual o diálogo que ocorre entre o documentário e a instituição cinema proporciona uma virada paradigmática no percurso desta última – que re-elabora, cria, monta a própria história vivida. Vemos com ele que há uma cultura da apreensão da realidade posta nesta história pontuando o documentário numa “capacidade da mente humana de aceder a ela (realidade) e sobre a capacidade da imagem dar conta dela” (Gauthier, 2011: 44).

A atividade, aliás, que fascinou alguns dos nomes que mais retornam em livros, tais como Georges Méliès, Robert Flaherty, Dziga Vertov, Chris Marker, Jean Luc-Godard, etc., foi adornada pela ficção e pela poesia desde o cinema mudo ao nosso mundo digital. A fábrica do real, segundo o autor, faz parte de um grande imaginário citado pelos filmes destes grandes diretores e sua história real encadeada. Há espaço, no livro, para as cinematografias francesa, inglesa, norte-americana e canadense na demarcação do território histórico do tipo de cinema em questão. No entanto, percebe-se que Gauthier, mais que um jornalista e crítico desta atividade criativa, que propõe dados e comentários a respeito da evolução do documentário, elabora o tratamento comum da procura pela compreensão dessa impressão moderna da realidade. Pano de fundo do cinema documentário, a realidade é, quando encenada, uma outra realidade.

No livro, a inacabável procura por definições conceituais do tipo de cinema, que já teve em seu histórico de pesquisa um didatismo pouco ligado

---

<sup>2</sup> Tal como pode ser encontrado em *Cinema do Real* (Labaki, Amir y Mourão, Maria Dora, 2005, São Paulo, Cosac Naify), a liberdade do cinema aplicada ao documentário, formato que ganha força com a TV.

às tradições do fazer documentário do pouco mencionado Bill Nichols, tem uma firme ligação com as discussões proporcionadas pelo *metiér* do cinema em questão. O lastro do encontro com o real: cine-olho; documento-vida; filme de vida; câmera viva; cinema do vivido; cinema da realidade; cinema do real; cinema-verdade; cinema direto. A trilha elaborada junto à ficção: documentário romanceado; docudrama; documentário-ficção; ficção documentada; ficção documental; documentário fictício. A linha ativista: documentário de criação; documentário etnográfico e sociológico; documentário social; documentário militante; documentário de intervenção.

Além do vasto histórico deste tipo de cinema, comentado com informações novas, e da tentativa de classificação genérica da atividade, ao final da obra o leitor se depara com um longo anexo com mais de 100 páginas. Este que, para qualquer pesquisador interessado, ou mesmo o leigo e iniciante no tema de pesquisas, certamente manifesta uma enorme utilidade. As palavras dos próprios cineastas, documentaristas, então, ganham preferência.

Todas as tentativas servem como caminhos para a compreensão deste formato cinematográfico, o documentário. Ao final, os textos dão ao leitor uma introdução à taxonomia inventada pelo próprio autor na sua classificação teórica. Esta que fica em sua proposição, e que prefere com grande minúcia ficar na pesquisa de filmes e cineastas importantes; e que abrange desde a intervenção entre equipe de filmagem e seu objeto, a maneira de como tratar o arquivo, como expressar o toque pessoal e biográfico da montagem, e como ver o filme dentro de um grande vagão da história deste gênero tão admirável – da ciência ao senso comum.